

A margem que fica dentro do rio

Uma vez um arquiteto me disse que talvez a principal função do seu ofício seja pensar como vivermos juntos. Além de espaços para se habitar, prédios e casas respondem de certa forma – ou ignoram por completo – essa função. Como vivermos juntos? Como termos nossos espaços privados em meio aos fluxos de ordem e desordem que emanam da necessária convivência pública? Enfim, como sentir-se integrado a um sentimento comum de pertencimento quando estamos dentro de nossas próprias casas?

Os imensos condomínios fechados, tendência urbana que cresceu nas últimas três décadas, buscam, no fundo, estancar as questões ao redor do viver junto. A resposta, muitas vezes, é simplesmente não vivermos juntos em uma mesma cidade, com dilemas e soluções públicas. Criamos paraísos artificiais em busca de um prazer que não nos satisfaz no senso comum das ruas. Queremos a garantia de que vivemos entre aqueles que mais temos afinidades – nem que sejam financeiras. A expectativa em um grande condomínio fechado é de felicidade individual conquistada pelo exclusivo, pelo restrito, pelo vigiado. Como uma hipótese, podemos dizer que esse tipo de moradia comprova que a cidade não cumpre a missão do arquiteto e, portanto, não podemos viver juntos.

O que dizer então de um bairro de condomínios chamado (e localizado em uma) Península? Como habitar um espaço que, já na sua condição geográfica particular, tenta se separar do resto do território? E enfatizo a tentativa porque uma península não é uma ilha, e sim uma “quase ilha”, faixa de terra ligada por breve liame ao continente. Como o condomínio que ganhou seu nome, há a impressão de que se está em uma ilha, mas não estamos de fato. Ilusão de estar só, mesmo ligado ao todo.

Todas estas perguntas e reflexões arquitetônico-geográficas são tentadoras para Luiza Baldan. Pois ela já traz em sua trajetória artística e pessoal o deslocamento permanente em busca de novas perspectivas sobre o habitar. Seu trabalho nos apresenta luzes originais em sua fotografia poética dos espaços – vazios de pessoas e plenos de presenças. Encontramos nesses segundos congelados de luz e sombra os novos cenários para suas narrativas pessoais, contadas para o público através de seus enquadramentos.

Assim, nesse espaço em separado, passando seus dias a vagar pelas ruas desertas e luzes inventadas da Península, Luiza foi encontrando um percurso sutil para seu olhar. Em meio a milhares de prédios, andares e todas as megalomanias que a vida controlada de um condomínio pode nos dar, ela apresenta o frio apartamento branco em que o espelho, o relógio, os móveis, todos confirmam sua condição artificial como testemunhas inanimadas desse olhar arquitetônico vazio. Nas ruas, ela vaga com sua câmera pelas obras em progresso e pelas margens dos canais que cercam a quase ilha. Os trabalhos dessa exposição, portanto, são uma espécie de contra discurso de Luiza sobre o isolamento desejado por aqueles que habitam tais lugares. Ela e sua fotografia enfatizam criticamente esse isolamento desejado, tornando-se uma ilha dentro da península, ambas solitárias na terra firme do nomadismo inventado, navegando de barco os limites desse sonho consumista e ficando à margem do mundo sólido de vidro, aço e concreto.

Ao olharmos suas fotos, vemos que Luiza quis observar o que ainda não está concluído, explorar o surreal de luzes e formas dos jardins encomendados e plantados nos locais em que a Península tenta ser parte de uma natureza comum a todos nós. Se a margem fica dentro do rio, Luiza ocupou esta tênue linha entre dentro e fora para produzir uma série de fotografias agudas desses dias em que derivou pelas ruas peninsulares. As plantas refletem uma gama de luzes falsas, assumem sua transitoriedade pois não há espécimes nativas ali. Nem ilhas. Muito menos moradores. Na Península de Luiza, há apenas o vagar dos dias, um abandono do olhar viciado em prol de uma reinvenção utópica. Olhar para estas fotos é constatar que a arte atravessa mares e território fechados. Se a arquitetura não consegue resolver o problema de vivermos juntos, certamente a arte nos lembra que, ao menos no seu território generoso de sentidos, podemos habitar o mundo sem recusar a alteridade. E sem sermos ilhas em meio ao mar diário da vida.

Frederico Coelho, novembro 2011.